

Habitada e habitante: o corpo feminino na obra de Gioconda Belli

Bethania Guerra de Lemos

Universidad Autónoma de Madrid

Resumo: Breve enfoque sobre a imagem do corpo na obra da escritora nicaraguense Gioconda Belli, em especial em seus poemas. Representações da *casa*, a *árvore*, e a *terra* para a abordagem do corpo feminino na poética da autora. A mulher como ser “habitado” pela natureza e “habitante” de um corpo social, histórico e transformador.

Palavras-chave: corpo, poesia, natureza, sociedade, símbolo.

1. A imagem do corpo na construção da cultura

As diversas imagens e acepções que o corpo adquire ao longo da história das artes e da filosofia são múltiplas e diversas. Segundo Ieda Tucherman (2004:18), “o corpo pertence ao conjunto de categorias mais persistentes na cultura ocidental”. Na visão platônica o corpo é negativizado, pois é prisão para a mente e a razão, sendo uma traição para a alma. Também na tradição aristotélica distinguem-se matéria e forma, separação que será corroborada e reinterpretada pelo catolicismo, onde o humano é a sede do pecado e da morte e o divino, imaterial, é salvação, a morada da imortalidade.

Já com Descartes é estabelecido um dualismo entre *res cogitans* e *res extensa*, onde a primeira representa a mente, o pensamento, o que pode ir além, e a segunda o corpo, fixo. Cada *res* possui seu âmbito exclusivo, isolado e incompatível com o outro. Sendo assim, a teoria cartesiana marca com inúmeros aspectos o conceito de corpo que será utilizado largamente pela sociedade e pela arte. Para as ciências naturais, o corpo é um instrumento, um veículo de expressão para a mente, que é o verdadeiro centro do ser, levando,

assim, à desvalorização social do corpo e conseqüentemente à opressão feminina (Tucherman, 2004:19-20).

O pensamento de filósofos como Foucault e Deleuze aponta para concepções do corpo mais livres dos antagonismos cartesianos, desconstruindo o binarismo que opõe natureza e cultura, essência e construção social. Também Espinosa concebe o corpo como tecido histórico, como local de construção e representação de diversos aspectos que compõem os processos antropológicos. Desta forma, o olhar desses teóricos sobre o corpo aproxima-se mais da abordagem abrangente com a que pretendemos trabalhar no presente artigo. Também para o historiador francês Michel de Certeau (1995:27) a definição histórica passa por um diálogo com o corpo pessoal e o corpo social. Perceber o “lugar de onde se fala” e a partir de qual imagem de corpo são estruturadas as premissas, apresenta-se como aspecto fundamental para a compreensão dos processos históricos:

A história se define inteiramente por uma *relação da linguagem com o corpo* (social), e, então também por sua relação com os limites colocados pelo corpo, seja sob a forma do lugar particular de onde se fala, seja sob a forma do objeto distinto (passado, morte) do qual se fala.

2. O corpo nas culturas pré-colombianas: diálogos em *La mujer habitada e Waslala*

Tucherman (2004:25) cita como imagem para a relação com o corpo, o simbolismo do espelho, a necessidade da visão do outro para reconhecermos o nosso próprio corpo. Durante a conquista da América (tanto portuguesa como espanhola), era comum que os invasores oferecessem espelhos e objetos brilhantes aos nativos americanos, estabelecendo o “corpo como imagem de corpo próprio, como diferença dos elementos de natureza, mas também dos homens brancos”. Entretanto, a ideia de corpo difere nas culturas pré-colombianas, nas quais é possível pensar em vida mesmo sem uma existência física. Tucherman questiona este fato (2004:25-26):

É possível estar vivo sem um corpo? Parece ser que sim, isto quer dizer sem o conceito de corpo que nós, ocidentais e cristãos (mesmo gregos), idealmente construímos, tendo como sustentação as idéias de corpo-perfeito, no mundo grego, e sua apropriação: de corpo feito à imagem e semelhança do seu Criador, Deus [...]

No primeiro romance da escritora nicaraguense Gioconda Belli, *La mujer habitada* (1988), depois de sua morte, a protagonista indígena Itzá continua vivendo por séculos sem existência humana, participando da essência da terra, e depois, como seiva da árvore, habitando um *corpus naturae*. Já no terceiro romance da autora, *Waslala* (1996), a certeza da permanência da cidade mítica e de seus habitantes, sustentada por Melisandra é possível mesmo sem a comprovação física de sua presença. A imagem do corpo, nos dois romances, constrói-se como um registro liberador da sexualidade feminina. A mulher que se vale de seu corpo para efetuar transformações tanto no âmbito individual quanto no coletivo, opõe-se, com diversas estratégias de resistência, ao discurso amoroso patriarcal. Nesse discurso, o corpo da mulher é a imagem da virtude representada na esposa e mãe ou a da sedução-negativa, onde a sexualidade vivida é sinônimo de pecado ou perversão. Nas obras de Belli a mulher, dona de seu corpo, pode vivenciar sua sexualidade sem que para isso precise responder antes aos códigos de moral e conduta patriarcais e capitalistas, e também pode dispor dele como veículo da atuação no mundo da política, o que se percebe também na autobiografia da autora e em seus poemas.

3. Sempre poesia: o corpo feminino nos versos de Gioconda Belli

Na obra de Gioconda Belli é estabelecida uma relação com o corpo onde a mulher é o centro da ação, ela habita e é habitada. Os elementos que fazem parte do jogo corpóreo são sempre femininos: a casa, a árvore, a selva,

a terra. Assim, observamos em diversos poemas como a imagem da árvore, que será central no romance *La mujer habitada*, já figura em sua poética com notável força simbólica. Em “Metamorfosis” (Belli, 2005:40), de 1970, o corpo arbóreo é também habitado pela mulher, mas em um processo diferente do que ocorre no texto em prosa, já que aqui ocorre a transmutação total do ser humano em ser vegetal:

La enredadera
se me está saliendo
por las orejas.

Mis ojos se han convertido
en pistilos móviles
y mi boca está repleta
de flores moradas.

O processo de metamorfose do corpo da mulher em árvore aponta para uma identificação do ser feminino com o elemento natural, de forma a se tornarem uma mesma existência, através do qual a mulher pode conhecer-se e reconhecer-se. Tais aspectos indicam elementos trabalhados por Gioconda Belli nessa primeira fase de sua trajetória, onde a ruptura com as estruturas patriarcais é de fundamental relevância. A poeta busca imagens e construções líricas onde a sensualidade, o erotismo e a feminilidade negam a opressão social vigente:

Con mis dedos
me toco toda
re-conociéndome entre las hojas
y las ramitas

y las flores que llenan mi boca
y han teñido mis dientes.

Também em “Plenitud” (Belli, 2007:9), poema publicado pela primeira vez em *Apoego*, 1998, Belli retoma a imagem da árvore, que agora apresenta sinais do seu amadurecimento pessoal, político e literário:

Hoy me siento como un árbol
que se supiera mujer:
Ya no quebradiza rama
sino rotunda intuición,
y la sólida certeza
de saber dónde es que estoy

A identificação da mulher com os elementos naturais de seu país é constante na poesia de Belli, e vê-se em “Huellas” (2004:31) o papel fundamental da terra natal e de seus contornos físicos e psicológicos como “alimento de rios interiores”. A água como aspecto de criação e renovação é também aqui explorado pela autora, e os *rios interiores* relacionam-se com o sangue e a seiva de um corpo que é ao mesmo tempo humano, geográfico e simbólico:

así quiero quedarme
viendo desde lo alto mi rebaño de volcanes azules
dejando que el paisaje me crezca por dentro
que el lago se me instale en los pulmones
que las nubes se expandan en mi sangre
que me nazcan volcanes en los ojos

que esta visión de mito y epopeya
alimente los ríos interiores
con los que me sostendré
cuando abra la distancia su profunda frontera.

Em “Yo soy” (Belli, 2005:47), Gioconda aproxima-se da poesia indígena, recuperando os elementos simples e eróticos de uma mulher que se sabe parte dos elementos naturais. A celebração do feminino, do amor, do corpo feminino como fértil receptáculo da semente criadora, estrutura-se sem culpas:

Yo soy tu cama,
tu suelo,
soy tu guacal
en el que te derramás sin perderte
porque yo amo tu semilla
y la guardo

De acordo com Selena Millares (1997:303) o amor será o elemento onipresente deste o início da trajetória da autora:

Um dos signos que dominam a escritura da autora nicaraguense Gioconda Belli é a onipresença do aspecto amoroso em todas as suas vertentes: amor panteísta, amor solidário, amor carnal; não em vão Álvaro Urtecho o qualifica como humanismo erótico, em referência direta à leitura de Eros como insurgência individual e social que define esta

poética, conforme se constata tanto em seus romances [...] como nos livros de poemas [...].

Desta forma, o corpo é um elemento recorrente, ora celebrado na intimidade, ora deixando de pertencer a um só ser, e desfazendo-se em múltiplos para poder abarcar a grandeza de sentir-se parte de algo maior. Segundo Millares (1997:303):

Deve-se ressaltar [...] que a celebração do corpo da mulher e o descobrimento dos tabus impostos pelas convenções, assim como a confluência do amoroso y testemunhal, têm uma intenção transgressora na poesia feminina e muito especialmente no âmbito das letras hispano-americanas.

Os primeiros poemas de Belli nos remetem às protagonistas de *La mujer habitada* e *Waslala*, quando Itzá passa a ocupar outros “corpos”, que possibilitam conferir à Lavinia consciência histórica e coletiva; e Melisandra, que sai em busca de um local onde seriam viáveis as utopias de todo um povo e aceita o desafio e o sacrifício de reconstruí-lo. O processo cíclico dos renascimentos sucessivos em diferentes corpos, de acordo com a mitologia maia, aparece nos poemas da autora como a tarefa sagrada de fecundar a terra para que as raízes, as origens, o passado histórico, a memória, sejam alimentados:

[...] mientras sentimos cada día con más fuerza
la necesidad de vomitarnos,
de darnos completamente,
de morir para abonar la tierra
que de nuevo alimentará nuestras raíces.

A escrita é o caminho apontado pela poeta, para que seja alcançado este despojamento necessário à criação e à recriação, não só da palavra, mas também da própria existência corporal e espiritual. A negação da morte, a afirmação da volta através da terra, da herança e da memória, é aspecto central de seus romances e poemas. A “metamorfose” da mulher que se converte em natureza, e da natureza que passa a configurar-se como a matéria de um corpo que abrange os aspectos físicos e históricos, é tratada pela escritora como parte do jogo simbólico, no qual toda a pátria conforma o conjunto de signos desse emblemático corpo-território habitante e habitado pela mulher, protagonista de sua trajetória.

Bibliografia:

BELLI, Gioconda. *La mujer habitada*. Barcelona: Emecé, 1996

_____. *Waslala. Memorial del futuro* Emecé: Buenos Aires, 1998

_____. *Mi íntima multitud*. (V Premio Internacional de Poesía “Generación del 27”. Madrid: Visor, 2004

_____. *El ojo de la mujer*. Poesía reunida. Madrid: Visor, 2005

_____. *Apoego*. Poesia. Madrid: Visor, 2007

CERTEAU, Michael de. “A operação histórica”. in: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: novos problemas*. trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995

MILLARES MARTÍN, Selena. *La maldición de Scheherazade. Actualidad de las Letras Centroamericanas. 1980-1995*. Roma: Bulzoni Editoriale, 1997

TUCHERMAN, Ieda. *Breve história do corpo e seus monstros*. Lisboa: Nova Vega, 2004

Revista Pandora Brasil